

---

## ECOS E FRAGMENTOS DA AGONIA, DA IDENTIDADE E DA MEMÓRIA PRESENTES EM *OS CUS DE JUDAS*, DE LOBO ANTUNES

Echoes and fragments of agony, identity and memory in *Os cus de Judas*, by  
Lobo Antunes

Pamela Maria do Rosário Mota<sup>1</sup>

**RESUMO:** Perante a violência, a homogeneidade de pensamentos e o jogo de espelhos existentes, o indivíduo levanta problemáticas em torno de sua própria identidade e do contexto no qual se encontra envolvido. Aparecem aflições e angústias que afetam o sujeito, diante de uma “realidade” que parece não fazer parte do seu universo. Por conseguinte, procuramos refletir, neste trabalho, sobre a agonia e a desordem interior e exterior do narrador-personagem presentes em *Os cus de Judas*, através de conflitos vividos em Angola, ambiente no qual a narrativa se passa. Baseando-se nos conceitos de Walter Benjamin, apresentar-se-á como a rememoração é aspecto norteador para a constituição de identidade e experiências fragmentadas.

**ABSTRACT:** In view of violence and alienation ideological, the individual raises issues around their own identity and the context in which it is involved. Afflictions and anxieties appear and affect the subject in front of a "reality" that does not seem to be part of your universe. Therefore, this study aims to reflect about the agony and disorder inside and outside of the narrator character present in the *Os cus de Judas*, through Angolan conflicts. Based on the concepts of Walter Benjamin, we study as the (re)memory is guiding point for the formation of identity and experience fragmented.

**PALAVRAS-CHAVES:** Afetos, Identidade e Memória.

**KEYWORDS:** Affects, Identity and Memory.

### INTRODUÇÃO

Walter Benjamin, em *Teses sobre a filosofia da história*, critica a história monumental que é contada, na maior parte, sob o ponto de vista do regime dominante. De

---

1 Mestranda em Literaturas Portuguesa e Africanas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Integrante do grupo de pesquisa "Poesia Africana nos séculos XX e XXI". Participante da equipe técnica da revista eletrônica Mulemba, atuando como revisora textual. Rio de Janeiro, Brasil.  
[pamelamota23@yahoo.com.br](mailto:pamelamota23@yahoo.com.br)

acordo com o filósofo, deve-se “escovar a história a contrapelo”, investigando-a na direção contrária à esperada e, conseqüentemente, criticar a história contínua e oficial, desmitificando a ideia de progresso.

Benjamin mostra como o progresso e a história são edificados por uma hierarquia silenciadora de vozes do outrora. O filósofo propõe, então, a ruptura do encadeamento de causas e conseqüências por uma constelação de fatos, na qual passado, presente e futuro se entrecruzam, permitindo, assim, a possibilidade de mudanças. Ao investigar os escombros do passado e examinar os vestígios da História, Benjamin alerta sobre a narrativa oficial, a fim de que se possam escutar outras narrativas emudecidas pelo discurso opressor.

Logo, nota-se, nas entrelinhas da teoria filosófica, a problemática da identificação do homem na contemporaneidade que por não investigar os vestígios do passado e aceitar, de certa maneira, um projeto homogeneizante e globalizado tende a ocultar uma identidade e utilizar máscaras assimiladas por um discurso regulamentador. Este disfarce ou maquiagem “esquece e encobre outros rostos, outras histórias, outras memórias (...)” (ACHUGAR, *Planetas sem boca*, 2006, p. 161), corroborando com a ideia de sociedade que prefere a imagem à realidade; a ilusão à verdade, que não lembra ou desconhece outros horizontes ideológicos e acaba por agir em benefício próprio e a favor de um regime hegemônico. Portanto, a modernidade traz consigo ideais ilusórios. O dito progresso induz uma ordem cultural preestabelecida que, ao ser questionada, pode gerar guerras e batalhas destrutivas.

Diante da violência, da alienação ideológica e do jogo de espelhos que coabita, o indivíduo suscita questões em torno de sua própria identidade e da realidade que o cerca. Surgem angústias e conflitos interiores, diante de um universo em que o sujeito não sente fazer parte.

À luz dessas afirmações, procuraremos refletir sobre a agonia e a aflição presentes em *Os cus de Judas* através da temática da violência em Angola. Baseando-se nos conceitos de Walter Benjamin, apresentar-se-á como a rememoração é aspecto norteador para a constituição de identidade e experiências fragmentadas.

Neste trabalho, discutiremos as estratégias discursivas utilizadas por António Lobo Antunes, observando os artifícios usados pelo narrador, a construção das personagens e o processo de elaboração do próprio discurso literário do romance. Por meio dessa obra da literatura portuguesa contemporânea, será exposta a problemática da fragmentação do sujeito e o sentimento do indivíduo português após a viagem colonial

## APRENDIZAGEM (DOLOROSA) DA AGONIA: ENTRE RUÍNAS E LEMBRANÇAS

*Acredito que sim, tão carentes de um bom passado andamos nós todos, e em particular aqueles que por essa triste pátria nos desgovernam, governando-se.*

(AGUALUSA, José Eduardo. *O vendedor de passados*, 2009)

António Lobo Antunes nasceu em Lisboa, em 1942. Coursou medicina e se formou psiquiatra. Durante a guerra colonial em África, foi convocado para servir na guerra em Angola. Em 1979, tem o seu primeiro romance publicado, *Memória de Elefante*. Abandona a carreira de médico e integra-se a vida de escritor. Publica *Os cus de Judas* também em 79 e outras obras com a temática da guerra colonial como *Fado Alexandrino* (1983) e *As Naus* (1988).

*Os cus de Judas* é uma narrativa na qual Lobo Antunes utiliza o violento conflito colonial para expor a angústia e o questionamento do homem contemporâneo diante da problemática do não-lugar; dos conflitos pessoais gerados pela convivência com o outro; da indignação e, ao mesmo tempo, da passividade perante atos ultrajantes. Os capítulos nomeados com as letras do alfabeto, vão de A a Z, construindo uma “aprendizagem da agonia” (ANTUNES, 2003, p. 43), através dos lapsos de memória.

Ao longo do livro, o leitor é tomado pela angústia do protagonista que constata a existência de uma Angola degradada na guerra colonial e que continua a ser mortificada, após a independência, na guerra civil:

Conhece Malanje? (...) Malanje, sabe como é, é hoje um monte de destroços e ruínas em que a guerra civil a tornou, uma terra irreconhecível pela estúpida violência inútil das bombas, um campo raso de cadáveres, de costelas fumegantes de casas, e de morte. (idem, p. 215).

A descrição do narrador – médico obrigado a servir na guerra colonial em Angola e cujo nome não se menciona – é a explosão de uma dura experiência, assinalando vários pontos: as baixas da guerra, a fome, a miséria e as em que vivem os habitantes de Angola; a distância de casa; a perda dos laços familiares; a incompreensão da guerra.

A narração é em primeira pessoa, portanto, o narrador e o personagem são um e o mesmo. Há entre os dois uma distância temporal e o narrador critica a passividade de seu personagem de outrora “Éramos peixes percebe, peixes mudos (...) treinados para morrer sem protesto” (idem, p. 122). O narrador também relata sob o ponto de vista do seu personagem,

ou seja, se despersonaliza e assume a máscara da *persona*: “Todo um universo de que me achava cruelmente excluído prossegui, imperturbável, na minha ausência” (idem, p. 116). Deste modo, ocorre uma despersonalização extrema, pois o *eu* é o *tu*, o outro. Esta forma de narrativa complexa, na qual muitas vezes é difícil definir o que é lembrado ou não, ratifica a ideia de um sujeito fragmentado, múltiplo mosaico, contraditório em si, que possui diversas e divergentes identidades que agem concomitantemente:

O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identidades estão sendo continuamente deslocadas. Se sentimos que temos uma identidade unificada desde o nascimento até a morte é porque construímos uma cômoda estória sobre nós mesmos ou uma confortadora “narrativa do eu”. (HALL, 2003, pp. 12-3)

O erotismo presente nas páginas de *Os cus de Judas* também ressalta o sujeito fragmentado contemporâneo. O narrador está sempre à procura da satisfação, que nunca será plena: “Durante um ano, percebe, tropecei de casa em casa e de mulher em mulher num frenesim de criança cega a tactear atrás do braço que lhe foge.” (ANTUNES, 2003, p. 132). O busca a completude através do erotismo que é a busca da continuidade do ser humano, a tentativa de permanência além de um momento fugaz. (Cf. Bataille)

Assim como Eros, a memória também é incompleta. Repleta de vazios e lapsos, a narrativa não-linear configura a incompletude e estilhaçamento do sujeito contemporâneo. Através da *mnemose*, submersa em um fluxo de consciência e tempo psicológico, é apreendida a angústia do narrador diante de uma fragmentação de si mesmo, que ele não consegue compreender.

Embora o pano de fundo de *Os cus de Judas* seja político, Lobo Antunes não privilegia esta questão. O autor está preocupado em enfatizar a desordem interna do indivíduo e, por isso, a imbricação da construção e desconstrução da identidade. Nota-se que o sujeito narrativo não consegue estabelecer conexões entre o *eu* e o *outro*. Após o seu retorno de África, não consegue se reconhecer nem em Portugal – “O medo de voltar ao meu país comprime-me o esôfago, porque, entende, deixei de ter lugar fosse onde fosse” (ANTUNES, 2003, p. 222) – nem em Malanje (Angola) – “Não te pertença, nem me pertences (...) recuso que este seja o meu país” (idem, p. 95) –, pois ainda não é capaz de lidar com a heterogeneidade do sujeito, com a dor, diante dos cenários de violência, horror, sofrimento e miséria vivenciados em Angola: “Deixe que eu esqueça, olhando-a bem, o que não consigo esquecer, a violência assassina na terra prenhe de África”. (ANTUNES, 2003, p. 203).

Esse não reconhecimento de sua nação se deve ao fato de uma viagem colonial sem objetivos concretos. Uma guerra colonial criticada pela sociedade civil portuguesa que teve, por consequência, as mortes de angolanos e portugueses, devido a um governo ditatorial que não queria perder o seu império e o seu poderio econômico. Um governo que não respeitava as culturas e tradições de Angola, Moçambique e Guiné-Bissau. Um regime hegemônico que censurava, também, os portugueses através da PIDE (Polícia Internacional e Defesa do estado) e posteriormente com a DGS (Direção-Geral de Segurança).

Esta não aceitação de identificações acentua a angústia vivida pelo narrador-personagem. Preso à memória do passado e passivo ao momento presente, o narrador se isola e vive na solidão. Através de estratégias discursivas, como os monólogos interiores, é perceptível a aflição e desordem do personagem. A construção da angústia é apresentada em várias páginas, fatos de poucos minutos podem ser narrados durante longas digressões: “Tem razão, divago, divago como um velho num banco de jardim” (idem, p. 112). Essas ondas de pensamento permitem ao leitor a percepção do tempo interior do personagem, um discurso mais próximo do inconsciente e, desta maneira, sem organização lógica. Por conseguinte, nota-se um monólogo transgressor de regras de pontuação e de normas gramaticais. Logo, é perceptível o isomorfismo da estrutura narrativa: a desordem interior do personagem é relacionada à desordem da forma discursiva.

A passividade de uma possível interlocutora, “Já nessa altura você acostara nesse bar (...) inalteravelmente imóvel” (idem, p. 50), corroboram com a construção do monólogo interior. Essa “interlocutora” representa o leitor que compartilha o relato e as experiências do personagem principal, sem fazer intervenções. Por outro lado, a falta de diálogos concebe a solidão do indivíduo.

Além disso, a passividade possui uma conotação mais interessante na narrativa: o isolamento e a solidão do indivíduo, que não sente capacidade de criar laços de afetuosidade, devido à memória angustiadora que o norteia:

(...) agora que nos vamos separar (...) que nos não voltaremos a ver senão no acaso fugitivo de um bar ou de um cinema, com tempo apenas para um breve aceno e um sorriso, um desses sorrisos instantâneos, sem afecto. (...) (idem, p. 223).

Além disso, o narrador, repleto de remorso por visualizar um cenário de catástrofes e nada fazer para modificá-lo, encontra na solidão e no isolamento uma maneira de se redimir de sua própria passividade e submissão ante a crueldade do regime militar português:

Esperavas-me, Sofia, e nunca houve entre nós quaisquer palavras, porque tu entendias a minha angústia carregada de ódio de homem só, a indignação que a minha cobardia provocava em mim, a minha submissa aceitação da violência da guerra que os senhores de Lisboa me impuseram. (idem, p. 187)

Por outro lado, devemos salientar que esta passividade da interlocutora é passada pelo narrador, ou seja, é ele nos repassa a noção de silenciamento. Como é narrado em primeira pessoa, devemos advertir que o narrador transmite ao leitor o que ele considera. Desta forma, pode ser que em alguns momentos a “narradora” tenha dialogado com o personagem, mas o narrador não deseja expor os pensamentos dela. Percebe-se que algo foi dito pela ouvinte através de possíveis respostas do narrador: “Não, palavra, ouça: agora que nos vamos separar (...)” (idem, p. 161). Inferi-se que a trama romanesca focaliza esta incomunicabilidade como a negação da voz do *outro*, ratificando a solidão e angústia vividas pelo narrador:

A lucidez que a segunda garrafa de vodka me confere é de tal maneira insuportável que, se não se importa, passamos à claridade interior do lilás de uma solidão aflita, que ao menos parcialmente me justifica e me perdoa. Não sucede o mesmo consigo? Nunca teve vontade de se vomitar a si própria? (idem, p. 87)

Outro artifício interessante na narrativa de Lobo Antunes é a presença do álcool. O narrador personagem expõe todo seu relato conduzido pela clareza que a *vodka* lhe transfere e graças a ela que o narrador consegue quebrar as barreiras do isolamento. Poderíamos ler a bebida como um elemento que poderia nos levar a refletir sobre o que é real e o que ilusório no âmbito da verossimilhança. No entanto, preferimos analisá-lo como um elemento paradoxal, assim como a mente humana. Contraditoriamente, no trecho acima citado, a *vodka* traz a lucidez e não a embriaguez do personagem. Tal fato se dá pela relação de alteridade entre a bebida e o sujeito: os dois são ambivalentes e incertos.

A narração é um ato reconfortante para o narrador: “Desculpe o tempo que demoro a levantar-me, e, (...) peço que veja nisso apenas o lamentável resultado do uísque (...), e da emoção do meu longo relato” (idem, 234). A metalinguagem representa uma compreensão da própria narrativa rememorada. A linguagem utilizada por Lobo Antunes também é uma conveniente estratégia narrativa. Justamente por ser um relato, a oralidade é constante no romance, por meio de modalizadores discursivos como *sabe como é, entende, a sério*.

Ao final da narrativa, a interlocutora se despede, ratificando a idéia da solidão do indivíduo cativo das inquietantes lembranças. A rememoração, passiva de mudanças, é um eterno retorno sobre a configuração da identidade:

Talvez a guerra tenha ajudado a fazer de mim o que sou hoje e intimamente recuso: um solteirão melancólico a quem se não telefona e cujo telefonema ninguém espera, tossindo de tempos a tempos para se imaginar acompanhado, e que a mulher a dias acabará por encontrar sentado na cadeira de baloiço em camisola interior, de boca aberta, roçando os dedos roxos no pêlo cor-de-novembro da alcatifa. (idem, p. 69)

## CONCLUSÃO

A identidade do sujeito contemporâneo é constituída pelas percepções do *eu* e do *outro*; é múltipla e, deste modo, não há núcleo e definições imutáveis. Na obra de Lobo Antunes, *Os cus de Judas*, observou-se a angústia do personagem principal incapaz de lidar com a ambigüidade do sujeito. O narrador que volta da guerra de Angola, não se envolve com o seu próprio país, Portugal, nem com as pessoas que estão em sua volta. Por conseguinte, emerge em um estado de aflição e desassossego, preso à memória do passado.

Nesta narrativa, o protagonista relata, como uma confissão, a sua agonia diante de situações que o incomodaram (e incomodam), mas nas quais se manteve passivo, como forma de proteção: “o branco chegou com um chicote, cantava o milícia na viola, o branco chegou com um chicote e bateu no soba e no povo.” (ANTUNES, 2003, p. 49).

Conviver com o outro, com o estranho é uma experiência dolorosa (Cf. Bauman). Portanto, conviver conosco também é complexo, afinal somos também o *outro*. Desta maneira, o homem moderno, muitas vezes, se isola, pois é mais fácil viver na individualidade, tentando entender sua própria desordem pessoal, do que compartilhar suas emoções com o mundo externo. Contudo, é necessário buscar um equilíbrio e aceitar o *Outro* e a si mesmo.

*Os cus de Judas* reflete não só a identidade portuguesa, mas a identidade do sujeito pós-moderno, indivíduo fragmentado, possuidor de alteridade. Aceitar e ser *outro* são chances para que se alterem as práticas da dominação da memória, desconstruindo concepções prévias da História. Segundo Edward Said, “Não se pode pensar em uma identidade pura” (SAID, 1995, p. 411), visto que a sociedade está em contato com outras culturas, mesmo que não haja uma relação direta. Com a globalização e a modernidade, o intercâmbio cultural se dá facilmente. Portanto, o sujeito é múltiplo, é *eu* e o *tu*, pois a identidade é baseada nos conceitos do eu e do outro.

Antônio Lobo Antunes, através do que Jacques Le Goff chama de “história-relato”, cria *Os cus de Judas* a partir da experiência de um pouco mais de dois anos em África. Utilizando-se da ironia e da ambigüidade, retrata o conflito interno do indivíduo e seus

questionamentos existenciais. Além disso, mesmo que indiretamente, a narrativa rememora e ressemantiza a História a partir do ponto de vista do narrador personagem. Além disso, o romance, repleto de descrições minuciosas e digressões, extrapola os limites dos significantes e abrange a multiplicidade de significados, concedendo ao leitor o direito de interpretar, ao seu modo, a obra artística.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGUALUSA, José Eduardo. *O vendedor de passados*. Rio de Janeiro: Gryphus, 2009. p. 108
- ANTUNES, António Lobo. *Os cus de Judas*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2003.
- ACHUGAR, Hugo. *Planetas sem boca: escritos sobre arte, cultura e literatura*. Trad.: Lyslei Nascimento, Belo Horizonte: UFMG, 2006.
- BARTHES, Roland. *Fragments de um discurso amoroso*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1981.
- BATAILLE, Georges. *O erotismo*. Porto Alegre: L&PM, 1987.
- BAUMAN, Zygmund. *Modernidade e ambivalência*. Trad. Marcus Penchel. RJ: Ed. Jorge Zahar, 1999.
- BENJAMIN, W. *Magia e Técnica, arte e Política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Tradução de Paulo Sérgio Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Obras escolhidas E Vol. I).
- COSTA, Verônica Prudente. *A perda do caminho para casa em Fado Alenxandrino de António Lobo Antunes*. Dissertação de Mestrado apresentada no programa de pós Graduação em Letras Vernáculas, Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2006.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. RJ: DP&A, 2003.
- SAID, Edward. *Cultura e Imperialismo*. São Paulo: Companhia das Letras: 1995.
- SOARES, Angélica. *Gêneros Literários*. São Paulo: Ática, 2006.

Recebido em 07 de junho de 2012.

Aceito em 21 de julho de 2012.